

DIÁLOGO COM EDUCADORES

Entrevista com António Nóvoa: o sentido da inovação educacional*

Claudia Regina Gurgel de Vasconcelos Rincon  

Catia Piccolo V. Devechi  

Eu, Claudia, conheci pessoalmente o Prof. António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa em setembro de 2023, quando tive o privilégio de iniciar o Programa Intercalar de Doutorado (Doutorado-Sanduiche) no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sob sua supervisão. O senso comum diz que a primeira impressão é a que fica e eu preciso discordar desse ditado tão usado no Brasil. A primeira sensação que tive foi sim muito melhor do que eu esperava. O Professor me recebeu com simpatia, mostrou-se disponível para o que eu precisasse, conversou sobre a minha pesquisa e meus interesses durante os seis meses que passaria no Instituto de Educação e ainda foi além: deu-me conselhos para aproveitar tudo o que a universidade poderia proporcionar; apresentou-me o instituto e seu diretor, abrindo portas para que eu pudesse realizar qualquer atividade, desde participar como ouvinte de aulas na pós-graduação como de congressos e eventos científicos e contribuir com a comissão de organização do Ciclo de Conferências Futuros da Educação, junto a Unesco, coordenado por ele e realizado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. E isso somente no primeiro contato. No entanto, a impressão sobre o Prof. Nóvoa, ao longo do tempo, ainda se tornou melhor do que a que tive quando o conheci. E é esta que ficou e ficará. Sua disposição e seu interesse pela educação são cativantes.

Foi com admiração que o vi obstinado em encontrar práticas pedagógicas bem-sucedidas e inovadoras em escolas públicas em Portugal e, assim, realizar, sozinho, uma viagem pedagógica, entre o final de 2023 e início de 2024, pelos distritos portugueses a fim de conhecer e publicizar experiências diferenciadas em salas de aula, seja na educação infantil ou no ensino básico. Essa busca por uma educação que tem dado certo e que anda escondida ajudou-me a repensar meus caminhos e práticas em sala de aula na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Claro que a sua experiência na educação e o seu currículo são impressionantes. Já lemos muito de seus livros, artigos e o escutamos em muitas palestras, principalmente, as ministradas na Universidade de Brasília, na ocasião em que o Professor esteve como visitante de 2013 a 2014.

Por sua trajetória ser tão extensa e, muitas vezes, por haver pouco tempo para apresentação desse prestigiado professor, é que os interlocutores, em congressos, por

* O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

exemplo, acabam por resumir uma vida de feitos pela educação em passagens que consideram mais representativas. Nós já sabemos que ele é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genève, na Suíça e em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Paris IV-Sorbonne; professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa; reitor honorário da Universidade de Lisboa; doutor *honoris causa* pela Universidade do Algarve, pela Universidade de Brasília, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela Universidade Federal de Santa Maria e pela Universidade de São Paulo; titular da cátedra da Unesco Futuros da Educação. Além disso, foi consultor para os assuntos da educação da Casa Civil do Presidente da República Jorge Sampaio de 1996 a 1999; presidente da *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE) de 2000 a 2003; reitor da Universidade de Lisboa em 2006 e 2013, conduzindo o processo de fusão da Universidade de Lisboa e da Universidade Técnica de Lisboa; candidato independente às eleições presidenciais de 2016; representante permanente de Portugal junto da Unesco de 2018 a 2021. Esse relato é um breve apanhando de vários eventos em sua “fulgurosa carreira”, como apontou Jorge Ramos do Ó em um texto lido pelo importante educador português Sérgio Niza na abertura do 45º Congresso do Movimento da Escola Moderna (MEM), realizado em julho de 2024, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Das várias apresentações que ouvi ou li, a que mais me tocou foi a realizada pelo próprio Prof. Sérgio Niza, fundador do MEM e amigo de longa data do Prof. António Nóvoa, na sessão de abertura do congresso. Disse ele:

Amigo desde sempre e com o qual contamos constantemente. Vou lembrar-vos de um extrato de uma carta de um amigo a um amigo. Diz o António que o importante, aquilo que é decisivo, é a viagem, e não a chegada. Efetivamente, tem sido a vida do António. É a importância decisiva que tem dado à viagem. Que fez dele um cidadão do mundo. Efetivamente. Porque desde muito novo apostou nele e em transcender-se em cada coisa em que se comprometeu. Aquilo que escolheu, às vezes, e muitas coisas que lhe foram oferecidas, ponderadas, e depois assume cada compromisso com uma força e uma determinação inusitada. (Informação verbal)¹

Um aspecto específico de sua trajetória, ressaltado pelo Prof. Sérgio Niza, teve um significado especial: o início da carreira docente, aos 22 anos, como professor de Expressão Dramática na Escola do Magistério Primário de Aveiro. Segundo Niza, essa foi uma etapa decisiva para os passos que o Prof. Nóvoa deu a seguir. Para os educadores de infância, professores do ensino básico e secundário, o começo da carreira de um professor renomado ter acontecido na escola gera uma sensação de proximidade, de empatia profissional e de compreensão do contexto escolar que vai além dos textos que escreveu e das visitas que fez às salas de aula (Niza, 2024).

Nesse sentido, ressalto que a experiência de seis meses no Programa Intercalar de Doutorado foi única e diferenciada, trouxe importantes contribuições para a tese e fomentou discussões sobre a formação de professores, as práticas pedagógicas bem-sucedidas e inovadoras, a “metamorfose da escola” (Nóvoa, 2019, 2022) e o papel da

¹ Informação mencionada por Sérgio Niza durante o 45º Congresso do Movimento da Escola Moderna realizado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal, de 18 a 20 de julho de 2024.

universidade e da formação de professores. Foi a escuta atenta das colocações do Professor sobre os futuros da educação em conversas, conferências e palestras e seu desejo de participar de projetos inovadores, como a viagem pedagógica citada, que nos trouxeram até a entrevista que apresentamos agora, na qual, com sensibilidade, tato pedagógico e eloquência singulares, o Prof. Nóvoa fala sobre inovação educacional.

As perguntas foram elaboradas com base nos estudos e discussões realizadas no Grupo de estudos sobre filosofia da educação e formação de professores (Geffop), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pela minha orientadora no curso de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Brasília (UnB). O objetivo da entrevista foi conhecer a percepção do Prof. Nóvoa sobre inovação educacional diante da tendência internacional de aliar o tema às tecnologias digitais e à lógica econômica. Gentilmente, o Prof. António Nóvoa nos brindou com seu tempo para responder questões que envolvem a ideia de inovação na educação, sua relação com a tradição e a tensão entre empreendedorismo e ações cooperativas na escola.

A entrevista

ENTREVISTADORAS — Prof. António Nóvoa, muito obrigada por responder algumas questões que têm permeado as discussões no nosso grupo de Pesquisa GEFFOP/CNPq. O tema que trago aqui é o da inovação educacional. Temos observado uma forte presença do discurso da inovação nas políticas internacionais em torno da educação, que tem cobrado de escolas e de universidades atividades de inovação a qualquer custo. Tratando-se de um discurso muito ligado às tecnologias e à lógica econômica, perguntamos se não seria nossa tarefa, como educadores e pesquisadores do campo, problematizar e oferecer um olhar crítico sobre o sentido que tem sido dado à inovação educacional. Assim, gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre como percebe os rumos que têm sido dados à ideia de inovação na educação? Como o senhor interpreta, neste contexto, a colonização neoliberal dos discursos governamentais acerca da inovação?

ANTÓNIO NÓVOA — *As palavras têm vida própria, ganham significados diferentes ao longo do tempo. Tive a sorte de estudar com professores extraordinários, sobretudo na Universidade de Genebra. Um dos que mais me marcou foi Michael Huberman, um académico e pedagogo de enorme sensibilidade e inteligência. Em 1973, escreveu, a pedido da Unesco, uma obra intitulada Como se realizam as mudanças em educação: Contributo para o estudo da inovação. Depois, com R.G. Havelock, em 1980, publicou Inovação e problemas da educação, analisando sobretudo a realidade dos “países em desenvolvimento”. Finalmente, em 1984, em colaboração com Matthew Miles, deu à estampa Inovação de perto: Como funciona a melhoria das escolas. É um conjunto de trabalhos extraordinários que procura compreender os processos de inovação escolar e pedagógica, a partir das dinâmicas escolares e da acção colectiva dos professores. Michael Huberman preocupa-se, acima de tudo, em “olhar de perto” para a inovação, criticando o*

que, de fora, é imposto às escolas com vista à sua melhoria. Quatro a cinco décadas depois, o conceito de “inovação” escapou das mãos dos educadores e passou para o léxico da grande indústria global da educação. Já não se trata de compreender, a partir de “baixo”, as propostas pedagógicas e os movimentos dos professores, mas de impor, “de fora”, realidades que estão a ser muito prejudiciais para o desenvolvimento da educação como bem público e comum. Talvez precisemos de deixar de lado a palavra “inovação” e procurar outras que traduzam melhor o nosso esforço de renovação e de mudança em educação.

ENTREVISTADORAS — Qual a sua percepção em relação ao discurso de inovação educacional ligado à questão das tecnologias digitais?

ANTÓNIO NÓVOA — *Hoje, quando se fala em inovação parece que tudo se reduz à utilização das tecnologias digitais. Mas não podemos olhar para as tecnologias e para as plataformas com a inocência de que são apenas ferramentas, apenas instrumentos, que podem ser bem ou mal utilizados. Não, não são. São dispositivos poderosos que influenciam profundamente as nossas vidas pessoais e escolares, as nossas relações com os outros e com o conhecimento e, também, o modo como ensinamos e como aprendemos. Se cedermos à “escola das plataformas”, estaremos a condenar a educação ao tempo rápido, à vigilância permanente, a uma relação consumista com o conhecimento. Precisamos, por isso, de valorizar o encontro humano, que exige tempo e não acontece nem num espaço vazio nem dentro de uma máquina. A relação, a empatia e a reciprocidade, a capacidade de trabalhar em comum, são características humanas. Sem elas, não há encontro. E sem encontro não há educação. No que diz respeito às tecnologias digitais, talvez o mais importante seja mesmo ensinar as crianças e os jovens a utilizarem-nas de forma segura, sensata e ponderada. As plataformas digitais ameaçam o futuro da educação, como se explica num importante relatório da Unesco, publicado recentemente, “Uma tragédia ed-tech? As tecnologias educacionais e o encerramento das escolas em tempos de COVID-19” (Unesco, 2023). Mais do que reagir às transformações que nos querem impor de fora, nomeadamente através de soluções tecnológicas, precisamos de construir as nossas próprias transformações.*

ENTREVISTADORAS — Ao analisarmos o discurso internacional sobre inovação educacional, percebemos um certo descaso com a tradição, entendida como conservadora. Como o senhor percebe a relação da inovação com a tradição?

ANTÓNIO NÓVOA — *Há um conjunto de tendências, muito populares, que apontam no sentido de uma ubiquidade da educação, isto é, da possibilidade das aprendizagens acontecerem em muitos lugares e de modos muito diversos, nomeadamente a distância. Fala-se num novo “paradigma” talvez sem escolas e sem professores. Como se tudo começasse do zero. É um erro. Na linha de Edgar Morin, uso frequentemente o conceito de “metamorfose”, justamente para marcar a ideia de que se trata de uma renovação a partir do que já existe, e não de um futuro sem passado. O filósofo francês diz-nos que a ideia de*

metamorfose é mais rica do que a ideia de revolução, pois mantém a mesma radicalidade transformadora, mas ligada à conservação (da vida, da herança das culturas). Hannah Arendt diz que permanência e mudança estão indissociavelmente ligadas e que mudança só pode significar aumento e ampliação do antigo. São reflexões muito importantes para a educação. Segundo Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira terá dito que a escola pública é a maior invenção do mundo. Precisamos de reconhecer esta história, se queremos construir uma dinâmica de mudança e de transformação.

ENTREVISTADORAS — Como o senhor percebe a tensão entre o empreendedorismo gerencial e as ações solidárias e cooperativas dentro da escola, ou ainda, entre a educação para a competição e educação para formação democrática? Como essa tensão está presente no interior da escola portuguesa?

ANTÓNIO NÓVOA — *Nos últimos anos, coordenei o grupo de pesquisa-redacção do último relatório da Unesco, “Reimaginar os nossos futuros juntos: Um novo contrato social da educação”. Todo o documento é baseado numa abordagem humanística e na defesa da educação como bem público e comum. O filósofo Olivier Reboul refere que a educação implica sempre integrar um ser humano na maior comunidade possível e que esta comunidade tem um nome: chama-se “humanidade”. Hoje, falar em formação democrática é, acima de tudo, construir uma educação que respeite e valorize os direitos humanos. Estou a falar dos “antigos” direitos humanos, tal como se encontram consagrados na Declaração Universal de 1948, ainda por cumprir em tantos lugares e de tantas maneiras. Mas estou a falar também dos “novos” direitos humanos, se a expressão me é permitida: os direitos da Terra, os direitos de um digital público e comum, os direitos das mobilidades e dos migrantes, os direitos das diversidades, os direitos das gerações com vida mais longa, etc. O grande desafio educativo, hoje como sempre, é conseguir que estas dimensões de cidadania e democracia estejam presentes em toda a vida escolar, desde as aulas à vivência diária de alunos e professores. Não vale a pena ensinarmos alguma coisa se, depois, não a praticamos. A educação exige coerência e autenticidade. Como escreveu, há quase um século, o maior pedagogo português do século XX, António Sérgio: “A liberdade e a cidadania devem ser alimentadas todos os dias, pacientemente recriadas, sempre reconquistadas, pois se não realizarmos este treino diário perdemos a forma, perdemos a pujança, e não conseguiremos construir o futuro que ambicionamos”.*

ENTREVISTADORAS — Percebemos que a inovação educacional em Portugal, pelo menos nas escolas públicas, tem tomado sentido distante da lógica do empreendedorismo na educação. Considerando isso, gostaríamos de ouvir do senhor sobre a ideia de inovação que aparece nas políticas públicas em Portugal.

ANTÓNIO NÓVOA — *Em Portugal, a dimensão pública da educação é muito forte. Há um grande consenso na sociedade portuguesa sobre a importância de preservar o carácter público da escola e da educação. A percentagem de alunos no ensino básico privado é*

pouco superior a 10%. Esta percentagem sobe para quase 20% no ensino superior. São percentagens relativamente baixas. Mas o mais importante é que a lógica do empreendedorismo não ganhou uma influência tão avassaladora como tem no Brasil. São tendências em crescimento, através de fundações e empresas várias, mas ainda bastante contidas e com influência reduzida nas políticas públicas de educação. Pessoalmente, o que me interessa é compreender as iniciativas e experiências que estão a ser realizadas nas escolas, sobretudo pela iniciativa de grupos de professores. Recentemente, fiz uma viagem por escolas de Portugal. Visitei no meu próprio carro todas as regiões do país: 50 escolas públicas em 50 dias. Pude constatar que, pelo menos em metade destas escolas, estão a acontecer processos relevantes de mudança e de transformação pedagógica. É este movimento que me interessa. Tenho mesmo defendido que as políticas públicas sejam menos normativas, isto é, menos baseadas em reformas, leis e regulamentos, e se centrem na criação das melhores condições para que as escolas e os professores possam ensaiar e pôr em prática novas modalidades educativas e pedagógicas.

ENTREVISTADORAS — Considerando suas pesquisas e seus estudos recentes, o que considera como relevante hoje da inovação no âmbito educacional?

ANTÓNIO NÓVOA — *O mais preocupante são os discursos pretensamente “futuristas” que apontam para o fim das escolas e dos professores, substituídos por outras formas de aprendizagem, nomeadamente digitais. Todos os dias somos invadidos por notícias de “inovações extraordinárias” que, na verdade, são uma cedência aos grandes interesses privados. Há alguns anos, Gert Biesta fez a pergunta certa: “Já chegou o tempo de desistirmos da escola moderna e das suas promessas, já chegou o tempo de entregarmos a escola nas mãos da Pearson, Google e outros capitalistas educacionais, que estão interessados e preparados para fazerem fortunas com aprendizagens personalizadas on-line? Ou devemos voltar a tentar e, nesse caso, por onde devemos ir?”. Eu quero continuar a tentar. E o meu caminho passa pelo reforço dos professores e pela transformação do trabalho pedagógico. Na visita que realizei às escolas vi projectos e programas muito interessantes sobre os espaços escolares, o acolhimento e o bem-estar dos alunos, o cuidado com os refeitórios, a inclusão e a diversidade, actividades várias nas artes, oficinas, questões ecológicas, relação com as comunidades, etc. ... mas vi pouca mudança no trabalho pedagógico propriamente dito, dentro da sala de aula. Ora, o que me interessa é, justamente, o que se passa no âmago da educação, na relação pedagógica, na relação com o conhecimento. Esta é a “inovação” que me parece relevante. Por isso, dou tanta importância aos professores – à sua formação, à sua capacidade de iniciativa, à sua colaboração. Por isso, o meu último livro, publicado no Brasil, tem como título “Professores: Libertar o futuro”.*

Considerações finais

Com muita clareza, o Prof. António Nóvoa nos fala sobre a inovação educacional como um movimento que emerge de dentro do fazer pedagógico, mas que, com o passar do tempo, assume uma nova conotação, que nada contribui para a compreensão e fortalecimento da educação como um bem público. Alerta sobre os perigos de entender as tecnologias digitais apenas como ferramentas, que podem ou não ser bem utilizadas, e sobre a ameaça que as plataformas digitais trazem para a educação. No entanto, na sua opinião, o grande desafio continua sendo tornar a cidadania e a democracia presenças constantes em todo o contexto escolar. Os discursos que preveem a substituição da escola e dos professores por formas digitais de aprendizagem e a pouca mudança do trabalho pedagógico dos professores são preocupações que ele divide conosco, mas sempre com esperança nos professores, importantes colaboradores para o sentido de inovação que defende.

Esse sentido é o que busca grande parte dos professores que tive o prazer de conhecer em Portugal. Há uma equilibrada preocupação com as tecnologias digitais e um maior compromisso em propor diferentes experiências pedagógicas, que envolvam os estudantes e os professores, para tornar o tempo na escola um momento de encontro e de trabalho cooperativo. Isso acontece, por exemplo, no Movimento da Escola Moderna, associação profissional que centra sua atividade na formação continuada dos professores por meio de autoformação permanente, que contribui na transformação das práticas escolares dos seus associados e na evolução do trabalho pedagógico realizado nas escolas. Seus associados se percebem como “mediadores da cultura e de uma socialização democrática e compartilham, com os seus alunos e os outros professores, a função de agentes de desenvolvimento humano, através das aprendizagens escolares” (Niza, 2016, p.11).

Por fim, agradecemos imensamente a disponibilidade e a generosidade do Prof. António Nóvoa em nos conceder essa entrevista, compartilhando conosco sua experiência, seu saber e seu olhar atento sobre o assunto e contribuindo para as discussões sobre inovação educacional no Brasil. Sem dúvida, seu comprometimento com a cidadania democrática e com a escola como bem público fortalece nossos esforços na defesa da educação como formação humana.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BIESTA, Gert. Resisting the seduction of the global education measurement industry: notes on the social psychology of PISA. *Ethics and Education*. Abingdon, v. 10, n. 3, p. 348-360, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/290453252_Resisting_the_seduction_of_the_global_education_measurement_industry_notes_on_the_social_psychology_of_PISA. Acesso em: 08 out. 2024.

HAVELOCK, R. G; HUBERMAN, Michael. *Innovación y problemas de la educación*. Teoría y realidade em los países em desarrollo. Ginebra, Suiza: UNESCO-OIE, 1980.

HUBERMAN, Michael. *Comment s'oprent les changements en éducation*: contribution à l'étude de l'innovation. Paris: UNESCO, 1973.

HUBERMAN, Michael; MILES, Matthew. *Innovation up Close*: How School Improvement Works. Nova York, NY: Springer, 1984.

MORIN, Edgar; DELGADO, Carlos. *Reinventar a Educação*: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade. São Paulo: Palas Athena, 2016.

NIZA, Sérgio. O movimento da escola moderna hoje. *Escola Moderna*. n. 4, 6ª série, 2016.

NIZA, Sérgio. 45º Congresso da Escola Moderna. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal, 18 de julho de 2024.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação num tempo de metamorfose da escola. *Educação & Realidade*. Porto Alegre. v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2024.

NÓVOA, António. *Escolas e professores*: Proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, António. *Professores*: Libertar o futuro. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração dos Direitos Humanos*, 1948.

REBOUL, Olivier. *Filosofia da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SÉRGIO, António. *Ensaio*. Tomo, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora,

UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos*: um novo contrato social para a educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, Unesco. Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

UNESCO. *An ed-tech tragedy?* Educational technologies and school closures in the time of Covid-19. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Paris, 2023.

Claudia Regina Gurgel de Vasconcelos Rincon

Doutoranda em Educação na linha de pesquisa Profissão Docente, Currículo e Avaliação (PDCA), vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PPGE/FE/UnB), com período sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2023/2024), apoiado financeiramente pelo PPGE/UnB (Programa de Apoio à Pós-Graduação - PROAP/CAPE). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (2019). Especialista em Educação Infantil pelo Instituição de Educação Superior de Brasília (2011). Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (2006) e em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (2000). Integra o Grupo de estudos sobre filosofia da educação e formação de professores (Geffop). Professora da educação básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2009 e atua nos anos iniciais do ensino fundamental. Atualmente pesquisa o espaço e o objetivo das humanidades na formação de professores da Educação Pré-escolar e do 1 Ciclo do Ensino Básico em Portugal.

Catia Piccolo V. Devechi

Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, vinculada a Linha de Pesquisa Profissão Docente, Currículo e Avaliação PDCA. Graduada em Pedagogia com habilitação em pré-escola pela Universidade Federal de Santa Maria (2001), mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2004), doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017) e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo UPF (2023). É coordenadora do GEFFOP - Grupo de estudos sobre filosofia da educação e formação de professores.